

RETOMANDO A RASURA

Sonia Maria van Dijck Lima
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO - Em relação ao texto ficcional, o paratexto dos cadernos de anotações instaura-se como registro metatextual. As rasuras sobre esse metatexto remetem tanto ao texto em fase de escritura como "traduzem" a utilização das notas do paratexto. Essas rasuras podem, então, ser lidas em sua função também metatextual.

ABSTRACT - In relation to the fictional text, the paratext of the notation book restates itself as a metatextual register. The erasures of this metatext refer to the text in the place of its writing as much as they "translate" the utilization of the notes of the paratext. Therefore, these erasures could also be read in their function of a metatext.

RÉSUMÉ - Les cahiers de notes sont considérés ici comme un métatexte du texte de fiction. Leurs ratures renvoient donc à la fois au texte des cahiers et au texte publié et sont interprétées comme telles.

Em estudo anterior, classificamos as rasuras dos manuscritos de Hermilo Borba Filho em **mecânicas e escriturais** ou **redacionais**¹.

Como o autor construía o texto narrativo daililograficamente, desde as versões originais, o primeiro tipo de rasura indica o descompasso entre a enunciação e o registro mecânico do enunciado. As rasuras escriturais revelam outro fenômeno. Entrando em cena o autor-leitor, surgem rasuras que interferem na construção do discurso, podendo conduzir a narrativa para novos significados².

Vale salientar que, na ocasião do estudo referido, privilegiávamos os manuscritos do texto ficcional propriamente dito, ou seja o texto narrativo. Nesse caso, a rasura foi encarada sob um ângulo de seus efeitos sobre o texto em construção. Na Crítica Genética, como diz Almuth Grésillon, a teoria será construída em função dos ensinamentos colhidos através de análises concretas de manuscritos³. Assim é que podemos ver outra configuração das rasuras, se contemplarmos os documentos que se instauram como paratextos⁴ em relação ao texto ficcional: cadernos de anotações, folhas de papel com apontamentos, nos quais estão dados que informam o processo de construção da obra. Nesses paratextos constam planos de narrativas, expressões de linguagem, nomes de personagens, fontes bibliográficas a consultar ou consultadas, títulos de narrativas, ações de controle do trabalho em curso. Tal é a variedade das informações contidas em tais documentos que seria redutor nomeá-los como planos de textos; por isso, optamos por **anotações**, independentemente do tipo de suporte que as guarda. O texto dessas anotações aponta mesmo

intercalações e correções a serem feitas no texto ficcional, seleciona o nível de linguagem a ser adotada e, em alguns casos, informa as ações do autor e suas relações com a escritura, ocasião em que ele pode até fazer-se personagem da aventura da criação literária, projetando-se na ficção⁵:

- 4- Uniformizar as minhas várias
mulheres [ileg.] Eva
(Anotações referentes a Agá, f.4)

Verificamos que as anotações revelam o discurso do autor, sujeito do processo de escritura. Esse discurso volta-se sobre outro discurso: a narrativa (em construção). Ou seja, os apontamentos realizam-se como um texto acerca de outro texto; assim, considerando-se sua função, as anotações definem-se como **registro metatextual**.

Pelo fragmento citado acima, vemos que, nem sempre, as anotações podem ser entendidas como informantes de uma fase anterior à escritura, pois se há esboços de narrativas, por exemplo, há também notas de providências a serem exercidas sobre o texto já composto:

- 14 Corrigir datilografia
(Anotações referentes a Agá, f. 16)

Por outro lado, a leitura das rasuras sobre as anotações esclarece que o autor retornava aos apontamentos, para indicar, agora rasurando, a inclusão

de elementos anotados no texto ficcional. Como ilustração, temos as expressões usadas em "O galo-de-campina"⁶ e que foram, no documento paratextual, listadas juntamente com o plano da narrativa:

Palavras

- [1- Cheio de nozes-fora]
[2- Tomar assinatura comigo]
[3 - Finis corona dopus]
[tarde piaste mas]
[sempre te engulo]
[4- Raio da cilibrina]
[5- Neres de pitiribes]

Nesse registro, as rasuras sobre as expressões confirmam para o autor: "Sim, já escrevi isto, e o mantenho", como "traduz" Almuth Grésillon⁷.

Para continuarmos, tomemos as folhas 4, 7v, 16, 16v e 17 do caderno com anotações referentes a Agá. Ali aparecem notas de várias providências que, inclusive, indicam alterações no texto ficcional. As anotações estão na forma de séries, organizadas em itens numerados. Alguns dos elementos anotados estão individualmente riscados e outros não. Contudo, em todas as folhas mencionadas, as notas foram rasuradas no conjunto por meio da cruz de Santo André; esse sinal informa que, no processo, o autor passara adiante dos conteúdos escritos ou que o trabalho prosseguiu/proseguiria orientado por novos apontamentos. Lendo as ff. 4 e 7v., conferimos a

continuidade da numeração da primeira na segunda, o que nos leva a tomá-las como um conjunto e a admitir que, se as notas foram lançadas em ocasiões diferentes (entre as duas folhas, há esboços da narrativa), houve releitura do paratexto, permitindo a sequência dos números. Assim, as ff. 16, 16v e 17, de acordo com a ordenação dos elementos, fazem o segundo conjunto que destacamos.

Comparando-se os conjuntos ff. 4-7v e ff. 16-16v-17, vemos que alguns itens registrados no primeiro não são repetidos no último, enquanto outros migraram, alinhando-se à novas providências sugeridas. Muito provavelmente, a não transposição de algumas notas do primeiro para o segundo conjunto de folhas deve-se ao fato de já terem sido cumpridas as providências quando do segundo registro ou de terem sido descartadas pelo autor ou de terem sido transformadas/desdobradas em nova formulação, como, por exemplo:

[Enxugar ao máximo -]
(f. 7v)

que tanto pode não ter sido retido como ter passado a

[7 Aliviar as cenas pornográficas]
[8 Aliviar o mau gosto]
(f.16)

O risco sobre uma anotação particular (se nos

abstairmos da cruz de Santo André que rasura os conjuntos de elementos) pouco pode esclarecer quanto aos efeitos provocados pela rasura sobre a orientação do texto; tanto há elementos rasurados como não rasurados que não passam do primeiro conjunto de folhas para o segundo por terem sido imediatamente cumpridos na escritura. Todavia, os itens que aparecem claramente no segundo conjunto de folhas não foram riscados isoladamente no primeiro:

4- Uniformizar as minhas várias
mulheres para (ileg) Eva
(f. 4)

[3 Uniformizar as várias mulheres para
Eva]
(f. 16)

Vale salientar que nem tudo previsto nas anotações referentes a Agá alcançou realização no texto. É o caso do persistente lembrete que manda introduzir "os capítulos de A Cama"⁸, que está na f. 4 e reaparece com outro enunciado na f. 16, onde recebeu rasura particular:

1- Introduzir os já escritos capítulos de A Cama e escrever os outros no fim de cada capítulo de personalidade,
.....

7- Abrir os capítulos com horóscopos
de A Cama (p. 14)
(f. 4)

[1- Introduzir a estória de A Cama
- no final dos 12 capítulos]
(f. 16)

Retomando o exposto, vemos que o paratexto das anotações hermilianas tem funções operacionais complexas enquanto instrumento de trabalho. Tanto pode indicar a utilização de elementos ou sua eliminação ou sua transformação. A leitura dos documentos ensina que o autor exercia controle crítico sobre seu trabalho, donde o caráter de registro metatextual dos apontamentos. As rasuras, nesse caso, são consideradas sob o ângulo dos efeitos provocados nos rumos da escritura, em decorrência do cumprimento ou no das providências anotadas.

Todavia, se levarmos em conta que os riscos so cometidos sobre esse registro metatextual das notas, vemos que as rasuras se instauram como novas anotações, que salientam aquelas feitas com signos verbais. Assim, as rasuras impõem-se como signo, atualizando, por seu turno, um texto que se superpõe ao primeiro, ao tempo em que dialoga com o texto ficcional em criação. A colação desse texto não verbal das rasuras com a narrativa define significados diversos em cada situação. Mas, por outro lado, as rasuras sempre informam o retorno do autor às anotações e assinalam seu controle crítico do texto em construção.

Assim, fazendo comentários não verbais acerca da elaboração da ficção e, ao mesmo tempo, falando da utilização do paratexto operacional das anotações, as rasuras assumem uma **função** também **metatextual**, voltando-se para um duplo objeto: remetem ao texto em escritura e ao registro metatextual do paratexto.

Notas e Referências Bibliográficas

1. Referimo-nos à comunicação apresentada na 39ª Reunião Anual da SBPC, Brasília, 1987: "Hermilo Borba Filho: reflexões de crítica genética", depois publicada no CADERNO DE TEXTOS CCHLA: CCHLA na SBPC, João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB, n. 11, ago.-set. 1987, p. 3-17. Tratamos das rasuras de HBF em *Gênese de uma poética da transtextualidade*: apresentação do discurso hermiliano, Universidade de São Paulo, 1989. Tese de doutorado.
2. Ambos os tipos de rasuras aparecem tanto datilograficamente como feitas à mão. Aquelas datilografadas realizam-se na linha e nas entrelinhas; as marcadas à mão sempre aparecem na entrelinha, indicando nova fase de escritura: leitura/escritura.
3. GRÉSILLON, Almuth. Les silences du manuscrit. II ENCONTRO DE EDIÇÃO CRÍTICA GENÉTICA: ECLOSÃO DO MANUSCRITO, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, [1988]. Anais. São Paulo, s.d., p.90
4. Para os conceitos de paratexto e de metatexto, remetemos a GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982 (Poétique)
5. O paratexto das anotações referentes a Agá está em um caderno manuscrito, sem data, pertencente ao arquivo de HBF. Agá foi publicado, em 1974, pela Civilização Brasileira.

6. BORBA FILHO, Hermilo. O galo-de-campina. *Ele Ela*, Rio de Janeiro, Bloch, ano 8, n.85, maio 1976, p. 15-17. No arquivo de HBF, encontram-se duas folhas manuscritas, sem data, contendo o plano da narrativa e a anotação das expressões de linguagem que citamos.

7. GRÉSILLON, Almuth., Conferência cit., p.91

8. Não há nenhum trecho em *Agá*, desde a primeira versão, que possa ser lido como realização de tais registros. HBF declarou, nos anos 60, ao Jornal GAZETA DE ALAGOAS, que estava trabalhando em uma novela cujo título seria *A cama ou a viagem tragi-cômica de Manu e Guida*, com alguns toques sentimentais pelas ruas, pontes, subúrbios e prostíbulos da cidade do Recife, onde mora, anda ama e trabalha o romancista Hermilo Borba Filho, neste ano de graça de 1964. Na verdade, a história da cama, Manu e Guida foi introduzida em *Deus no pasto*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972, p. 68-73. A referência aos "capítulos de *A Cama*" aparece nas anotações já na f. 3 (não destacada neste trabalho).

Convenção usada na transcrição dos manuscritos

[] = rasura
ileg. = ilegível

REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO DO GENETICISTA COM O MANUSCRITO

Cecilia Almeida Salles
Pontifícia Universidade Católica/SP

RESUMO - O objetivo deste trabalho é discutir as implicações do conceito de mediação na relação do geneticista com seu objeto de estudo. Trata-se de uma reflexão sobre as escolhas de diferentes abordagens teóricas e as consequências acarretadas por tais opções. Ilustramos esta discussão, de caráter geral, por meio de um estudo do manuscrito literário com abordagem semiótica de linha peirceana.

ABSTRACT - This article is concerned with the implications of the concept of mediation in the relationship between the researcher who deals with manuscripts and his object of study. An attempt to think about the different theoretical approaches given to the manuscripts and the consequences of such choices. This general discussion is illustrated by the analysis of the literary manuscripts taking Peircean semiotics as the point of departure.

RÉSUMÉ - Cet article veut discuter les implications du concept de médiation dans la relation du généticien avec son objet d'étude. Il s'agit d'une réflexion au sujet des différentes approches théoriques et les conséquences qui découlent de ces options. L'étude du manuscrit littéraire prenant comme point de départ sémiotique - la théorie de Charles S. Peirce - vient appuyer cette discussion de caractère général.